



A LUZ EM CENA

Revista de Pedagogias
e Poéticas Cenográficas

TEATRO BIDIMENSIONAL/ FOTOGRAFIA ENCENADA: **uma teoria visual para uma prática teatral**

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

Para citar este artigo:

CARDOSO, Jéssica Luiza Pádua. TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual para uma prática teatral. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.5, n.10, dez. 2025

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669051020250204>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual para uma prática teatral¹

Jéssica Luiza Pádua Cardoso²

Resumo

O objetivo desse artigo é refletir sobre como as artes visuais podem ser um ponto de partida para a criação teatral, e mostrar que por meio dessa relação com as artes visuais os alunos de teatro se tornam capazes de refletir e compreender o campo das visualidades da cena, buscando assim novas formas de se expressar e de compreender a potência e influência da caracterização cênica, aspecto esse que enriquece o trabalho do ator na interpretação, pois ao permear o campo das visualidades da cena o ator comprehende melhor seu personagem.

Palavras-chave: Teatro. Fotografia. Maquiagem. Artes Visuais. Caracterização Cênica.

Two-Dimensional Theatre/Staged Photography: A Visual Theory for a Theatrical Practice

Abstract

The objective of this article is to reflect on how the visual arts can be a starting point for theatrical creation, and to show that through this relationship with the visual arts, theatre students become capable of reflecting and understanding the field of visualities of the scene, seeking new ways of expressing oneself and understanding the power and influence of scenic characterization, an aspect that enriches the actor's work in the interpretation, because by permeating the field of visualities of the scene, the actor better understands his character.

Keywords: Theater. Photography. Makeup. Visual Arts. Scenic Characterization.

¹ Texto 98% integrante da Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas CEEAV da Escola de Belas Artes -EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

² Graduada em Artes Cênicas Licenciatura e Bacharelado pela UFOP. Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias pela UFMG.

jessicalpc282@gmail.com http://lattes.cnpq.br/7799439565756606



Teatro bidimensional/Fotografía escénica: una teoría visual para una práctica teatral

Resumen

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre cómo las artes visuales pueden ser un punto de partida para la creación teatral y demostrar que, a través de esta relación con las artes visuales, los estudiantes de teatro adquieren la capacidad de reflexionar y comprender el campo de los aspectos visuales de la escena, buscando así nuevas formas de expresarse y comprender el poder y la influencia de la caracterización escénica. Este aspecto enriquece el trabajo del actor en la interpretación, ya que, al penetrar en el campo de los aspectos visuales de la escena, el actor comprende mejor a su personaje.

Palabras clave: Teatro. Fotografía. Maquillaje. Artes visuales. Caracterización Escénica.



Introdução

A questão que guia o presente artigo é: como ter as artes visuais como ponto de partida para a criação de uma personagem teatral? E como fazer com que o teatro, que é uma arte tridimensional, possa ser lido em uma imagem (bidimensional) e mesmo assim ser capaz de começar a contar uma história, de ter uma relação com o futuro público e, principalmente, com o ator que cria e dá vida à personagem que está sendo fotografada e apresentada bidimensionalmente? Assim sendo – e pelo exposto – o desenvolvimento desta pesquisa parte das seguintes perguntas:

- Tendo as artes visuais como um ponto de partida da pesquisa do aluno/ator para a criação de uma caracterização cênica, como posso estimulá-lo a se apropriar dos elementos visuais da cena e com isso construir um teatro-bidimensional (uma fotografia onde o personagem criado é capaz de ser lido visualmente e ser entendido em sua superfície e profundidade)?
- Como criar uma metodologia segundo a qual o aluno/ator seja capaz de não apenas perceber a potência da caracterização cênica, mas ser capaz de executá-la?
- Como o desenvolver de um olhar mais aberto para as Artes Visuais, e uma ponte entre o Teatro e as mesmas – revelando, assim, a importância do conhecimento dessa área para o fazer teatral, principalmente no campo de Visualidades da Cena, e, dentro dele, o da Caracterização Cênica, englobando os conhecimentos de Maquiagem Cênica, Figurino e Adereços? O que é essencial e indispensável ao conhecimento da caracterização cênica na formação do ator? Quais referências e experiências visuais são capazes de formar o olhar do ator para a caracterização cênica?

A partir dessas questões, os objetivos almejados possibilitam a leitura do trabalho em três etapas, divididas da seguinte maneira:



- Encontrar qual a melhor maneira de utilizar as artes visuais dentro da metodologia de ensino, isto é, como utilizá-las para instigar e para ser uma ponte de criação.
- Como usar o "Teatro Bidimensional" como ponto de partida da criação dos alunos com o objetivo de desenvolver essa metodologia de criação e de pesquisar quais as diferentes abordagens em que ela pode se desenvolver.
- Refletir sobre as atividades práticas já feitas com os alunos/atores e, a partir delas e dos estudos teóricos e práticos, construir uma metodologia de ensino para aula de Caracterização Cênica e similares (como Figurino Cênico, Indumentária, e Maquiagem cênica) buscando e desenvolvendo uma maneira de mesclar a pesquisa em Artes Visuais com a pesquisa de Caracterização Cênica na formação de atores dentro do curso.

Esses objetivos, além de serem guias para a criação e entendimento de uma metodologia de ensino, têm a função de ressaltar a importância de o ator ter o conhecimento dos elementos visuais da cena e de utilizá-los com propriedade, reforçando, também, a importância do ensino da Caracterização Cênica para a formação do ator e sua contribuição para a melhora do fazer teatral.

Tableau Vivant, Narrativa visual, Fotografia encenada, Teatro Bidimensional e outras referências.

Ao se falar da imagem em cena, ou na cena teatral se transformando em um quadro vivo, temos como referência a prática do *Tableau Vivant*. Por definição, o quadro-vivo (*tableau vivant*) se trata de uma técnica na qual os atores ficam imóveis e fixos em poses expressivas que podem sugerir uma estátua ou uma pintura (PAVIS, 1998, p. 315). Essa técnica começou a ser utilizada em teatros na idade média, onde o quadro-vivo se prestava mais à evocação de imagens que mostravam situações e condições de seus personagens do que à representação de ações, propriamente. A ideia era a de que os atores, ao se tornarem estáticos em uma posição específica, criavam uma composição que mantinha as características visuais do teatro, isto é,



cenário, figurino, adereços e maquiagem. De modo semelhante, a atividade proposta em sala de aula consiste em primeiro compor um *Tableau Vivant* e, depois, fotografá-lo, transformando, assim, um quadro-vivo em um quadro fotografado, isto é, uma fotografia que é capaz de contar uma história, uma narrativa fotográfica.

Na atividade, os alunos são convidados a pensar em todos os detalhes dos seus quadros para que, com o trabalho finalizado, os espectadores – que, em geral, são os próprios alunos entre si e parte do corpo docente do curso – possam fazer uma leitura das camadas do quadro, fazendo associações com os signos e símbolos que estão na imagem, desde a posição que ator escolheu para o quadro até às cores e detalhes da maquiagem, criando, assim, uma narrativa visual, uma história que está sendo contada para quem vê a imagem.

Essa narrativa visual depende de alguns detalhes para funcionar, pois ela se baseia na relação entre a obra e o público. Para que o público comprehenda a obra, a imagem fotografada diante de si, e a história por trás da imagem, é necessário que se considere quem é o artista criador da imagem e quem é seu público; é pois, preciso pensar com afincô o que se quer representar na imagem, por isso aspectos como a cultura, a época, as interligações históricas, a dramaturgia (caso haja), as cores, as referências diretas e indiretas são tão importantes. São essas interligações que tornam palpável o que é que está sendo representado na imagem. Os signos e símbolos apresentados precisam ser feitos para que sejam lidos e entendidos por ambos os lados da criação (criador e leitor). Daí que os elementos dispostos na cena devem ser capazes de trazer conexão e leitura, e não estarem dispostos aleatoriamente. Além disso, o personagem, ou personagens, que vemos no quadro são os que dão o tom da narração, e por assim ser eles se tornam os narradores, gerando o ponto de vista e a sustentação da história.

Mas, como criar esses quadros-vivos cristalizados, capazes de contar uma história, um ponto de vista, uma narrativa visual? Para dar vida à ideia, utilizo o trabalho de diferentes artistas para que meus alunos/atores saibam por onde começar. E por se tratar de uma obra fotográfica, ligada às artes visuais, muitos desses artistas são desse campo artístico. Assim, a primeira artista que utilizo como exemplo e discussão sobre criação estética é a artista norte-americana Cindy Sherman (1954). Fotógrafa e diretora de cinema, Sherman criou inúmeros autorretratos conceituais, com personagens diversos e desconstrução de estereótipos, debatendo sobre a representação da mulher na sociedade. Em suas obras, a artista se apropria



de diferentes elementos cênicos para construir cenários que dialogam com a história da arte e da cultura pop, trabalhando a relação entre o indivíduo e a cultura.

De acordo com Crimp (1983), as fotografias de Sherman (CRIMP, 1983 apud BARTHOLOMEU, 2009, p.53):

são todas autorretrato nos quais ela aparece disfarçada, encenando um drama cuja particularidade não é dada. A ambiguidade da narrativa acompanha a ambiguidade do ser, que é tanto ator na narrativa quanto seu criador.

E é justamente essa relação que a artista propõe com a própria imagem o que pretendo apresentar aos alunos na sala de aula. Ao vermos uma foto produzida por Sherman, não sabemos ao primeiro olhar quem é a personagem narradora. Sabemos que é Sherman, mas como ela se modifica e se põe em diferentes poses, cenários e figurinos a narrativa daquilo que vemos se transforma, e a imagem deixa de ser a artista para ser o resultado daquilo que ela quer comunicar com o que conseguimos ler. Além de ser a própria fotógrafa de sua produção, Sherman também é a modelo, figurinista, maquiadora e diretora de arte da imagem que está criando. Dentro da atividade de “Fotografia Encenada/Teatro Bidimensional” proposta para os alunos trabalhar essas múltiplas funções é essencial, por isso é tão importante começar a entender a atividade pelas fotografias de Sherman, por serem a produção de um olhar único, de uma artista que se transforma, reinventa e cria uma cena única em cada autorretrato.

Ao fazer isso, as fotografias de Sherman (CRIMP, 1983, apud BARTHOLOMEU, 2009, p.53):

revertem os termos de arte e autobiografia; usam a arte não para revelar o verdadeiro ser do artista, mas para mostrar que o ser é uma construção imaginária. Não há verdadeira Cindy Sherman nessas fotografias; há apenas os disfarces que assume.

Por isso, julgo que apresentar a artista como a primeira referência do trabalho é tão potente, pois ela revela que ao vermos uma imagem estamos vendo um ponto de vista criado, tal qual o teatro cria seu quadro imaginário para o público. Assim como na fotografia de Sherman não a vemos – mas sim o que ela quer que seja visto, criando assim uma ilusão – no teatro a visualidade da cena deve ser feita com o mesmo intuito: criar para o ator uma fantasia, um véu que o cobre e que não permite ao público vê-lo, mas apenas a personagem e a sua trama. Cada uma de suas fotografias é, pois, uma história completa, criada por meio de uma



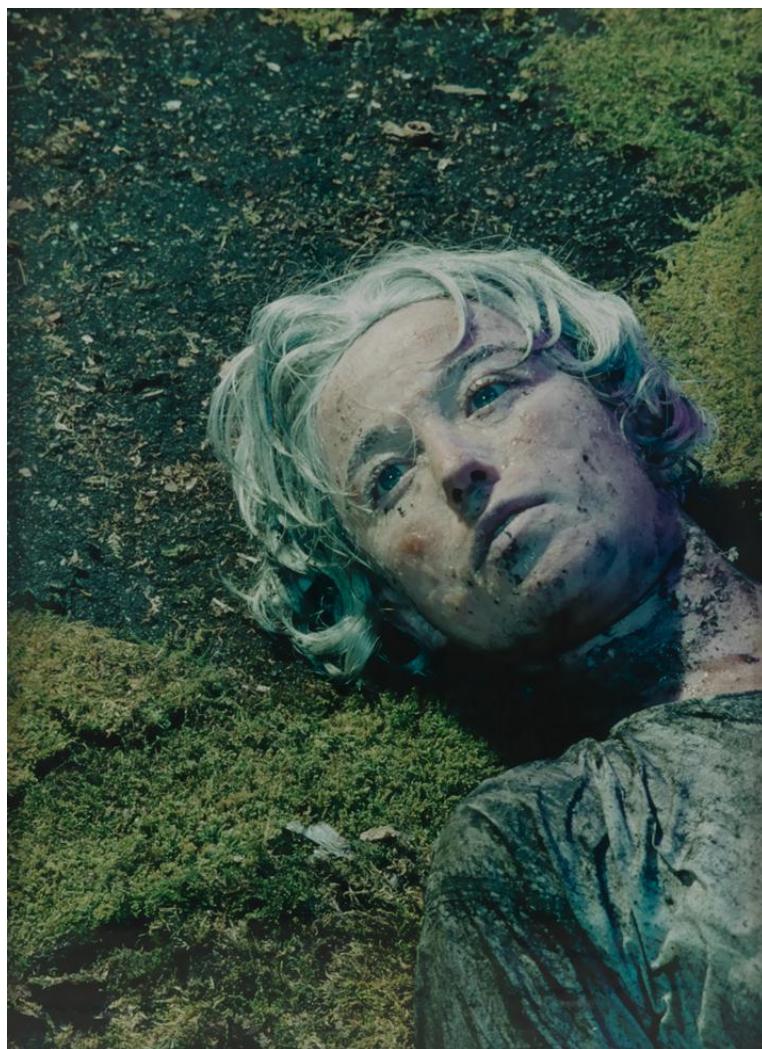
TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual para uma prática teatral

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

cuidadosa combinação de elementos visuais, técnicas de maquiagem, figurinos, cenários e adereços. Por sinal, a maquiagem é uma parte fundamental do trabalho de Sherman, pois por meio dela cria as transformações que a ajudam a encarnar diferentes personagens. Por isso a artista traz diferentes técnicas de maquiagem ao criar suas imagens, desde a aplicação dos materiais da maquiagem social e artística, passando pelo uso de perucas e lentes de contato, até o uso de próteses faciais e dentaduras. Portanto, trata-se de uma importante referência para a aula de Caracterização Cênica, porque com o trabalho dela consigo exemplificar a amplitude dessa área teatral.

Algumas das fotografias abaixo são as que utilizo em sala de aula para instigar os alunos sobre a *Fotografia Encenada*:

Figura 1 - SHERMAN, Cindy. Untitled #153.1985. Impressão cromogênica. 170.8 × 125.7 cm



Fonte: <https://www.moma.org/artists/5392>



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual
para uma prática
teatral

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

Figura 2 - SHERMAN, Cindy. Untitled #474. 2008. Impressão cromogênica. 231.1 × 153 cm



Fonte: <https://www.moma.org/artists/5392>



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual
para uma prática
teatral

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

Figura 3 - SHERMAN, Cindy. Untitled. 1987. Impressão em prata coloidal. 29.8 × 20.4 cm



Fonte: <https://www.moma.org/artists/5392>



Como é possível ver nas imagens, Cindy Sherman cria personagens complexos e autênticos em cada fotografia. A artista utiliza técnicas e materiais que exploram texturas, cores e formas, criando um universo visual rico e diverso, e que dialoga com as questões de gênero, poder, identidade e cultura *pop*. É na desconstrução e reconfiguração da identidade pessoal e cultural que as personagens criadas por Sherman desafiam as normas estéticas e sociais, além de questionarem a forma como as mulheres são representadas e percebidas na cultura popular. Em cada imagem, ela cria as transformações que a ajudam a encarnar diferentes personagens por meio de diferentes técnicas teatrais de visualidade da cena, que dão a aura de cada personagem, criando para cada uma delas uma narrativa ao redor de si. Ao misturar técnicas teatrais com técnicas da fotografia, tais como ângulo de câmera, planos, poses, entre outros, a artista produz fotografias que criam narrativas visuais. Por isso o uso das fotografias de Sherman é fundamental no meu trabalho com os alunos, pois permitem apresentar e compreender os conceitos de *fotografia encenada/teatro bidimensional*. Conhecendo algumas obras da artista, eles são capazes de entender a importância dos elementos visuais da cena, e que ao utilizá-los podem explorar a criação de diferentes universos para diferentes personagens.

Para exemplificar a visualidade da cena no teatro utilizei as obras do diretor de teatro brasileiro Gabriel Villela. Conhecido por seu trabalho inovador na introdução de técnicas de maquiagem, figurino, cenário e adereços em suas produções teatrais, o diretor cria em seus espetáculos uma estética cênica única e impactante, transformando os atores em personagens marcantes e memoráveis em cada produção. A abordagem original de Villela se dá por influências que sustentam seu trabalho, que são “*a arte popular, de rua; o caráter religioso, com as procissões, festas populares, envolvendo também a arte do reisado; e o circo-teatro*” (VILELLA, apud VIANA; MUNIZ; PEREIRA, 2011, p.77-78.).

São essas bases do teatro de Gabriel Villela que são capazes de criar ambientes realistas e imersivos que transportam o público para o mundo do teatro. Ao criar cenários que complementam e reforçam a dramaturgia e as personagens, o diretor utiliza adereços, figurinos, maquiagens, ou seja, elementos da visualidade da cena para adicionar detalhes e texturas. O resultado final desse mergulho visual proposto por Villela em seu teatro resulta em



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual para uma prática teatral

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

imagens poderosas e memoráveis, tornando-o inspiração para muitos artistas. Algumas das fotografias dos espetáculos de Gabriel Vilella abaixo são as que utilizo em sala de aula para chamar a atenção dos alunos para a *visualidade da cena*:

Figura 4 - Elias Andreato como a personagem A Peste, no espetáculo “Estado de Sítio”; Direção: Gabriel Vilella. Fotografia de João Caldas. Revista VEJA. 2018



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/na-plateia/estado-de-sitio-teatro-peca-elias-andreato-gabriel>

Figura 5 - Os Gigantes da Montanha encenado pelo Grupo Galpão. Direção: Gabriel Villela. Site Foco em Cena. 2013



Fonte: <http://www.focoincena.com.br/os-gigantes-da-montanha/8942>



Figura 6 - Atriz Marieta Severo na peça Torre de Babel. Direção: Gabriel Vilella. 1995.



Fonte: NETO, Dib Carneiro; AUDI Rodrigo. *Imaginai! O teatro de Gabriel Villela.*

São Paulo: Edições SESC São Paulo, p. 69. 2017.

A partir dessas referências imagéticas é possível ver como o trabalho de Vilella é marcado pelo uso das visualidades da cena. Seus figurinos, maquiagens, adereços, cenários, objetos de cena, perucas, entre outros detalhes visuais compõem junto com o ator imagens poderosas, que evocam um novo contexto visual para textos importantes da dramaturgia mundial ao mesmo tempo que deixam sua marca registrada, mostrando que a direção do espetáculo é dele. Além disso, a obra de Vilella traz outro aspecto importante do trabalho da visualidade da cena que faço questão de discutir com os meus alunos em sala de aula. Ao ver imagens de



peças dirigidas por ele, é possível identificar questões como assinatura pessoal e a influência de nossa história de vida e gostos pessoais nas obras; nesse sentido, seus espetáculos são suas referências tomando vida; o colorido e a extravagância das tradições que influenciam Vilella podem ser vistos nas suas escolhas de tecidos para o figurino, nos detalhes de adereços de cena, na construção da maquiagem. É a estética cênica única do diretor, com suas influências pessoais no teatro popular, no misticismo, no circo-teatro, que cria um ambiente visualmente atraente e imersivo para o público, tornando-o um artista tão importante para esse estudo.

Outra referência importante que uso, dessa vez para falar das questões de identidade, é a *drag* amazônica Uýra Sodoma, “*(...) uma entidade híbrida que mistura conhecimentos científicos e ancestralidade indígena em sua performance.*” (HERMOSO, 2021) Uýra usa a *drag* para discutir sobre questões ambientais que acontecem ao seu redor, como o desmatamento e descaso com a Floresta Amazônica e a violência contra os povos indígenas. Com extrema beleza e impacto, trabalhando imagens potentes e simbólicas, Uýra utiliza na criação de suas imagens materiais orgânicos coletados, tais como folhas, sementes, troncos, entre outros. Esse processo de coleta não é apenas para utilizar dos materiais orgânicos, mas também para se conectar com a terra, uma vez que “*a intenção é que a entidade nasça a partir do solo que, pelo menos no Brasil, é sempre um solo indígena*” (*ibid.*, 2021). Abaixo algumas imagens do trabalho de Uýra Sodoma que contribuem muito com o estudo das fotografias encenadas que utilizei em sala de aula:

Figura 7 - Uýra 'Sodoma em Série A Última Floresta – Terra Pelada. Fotografia e edição: Matheus Belém



Fonte: <https://elastica.abril.com.br/especiais/uyra-sodoma-drag-amazonia-meio-ambiente/>



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual
para uma prática
teatral

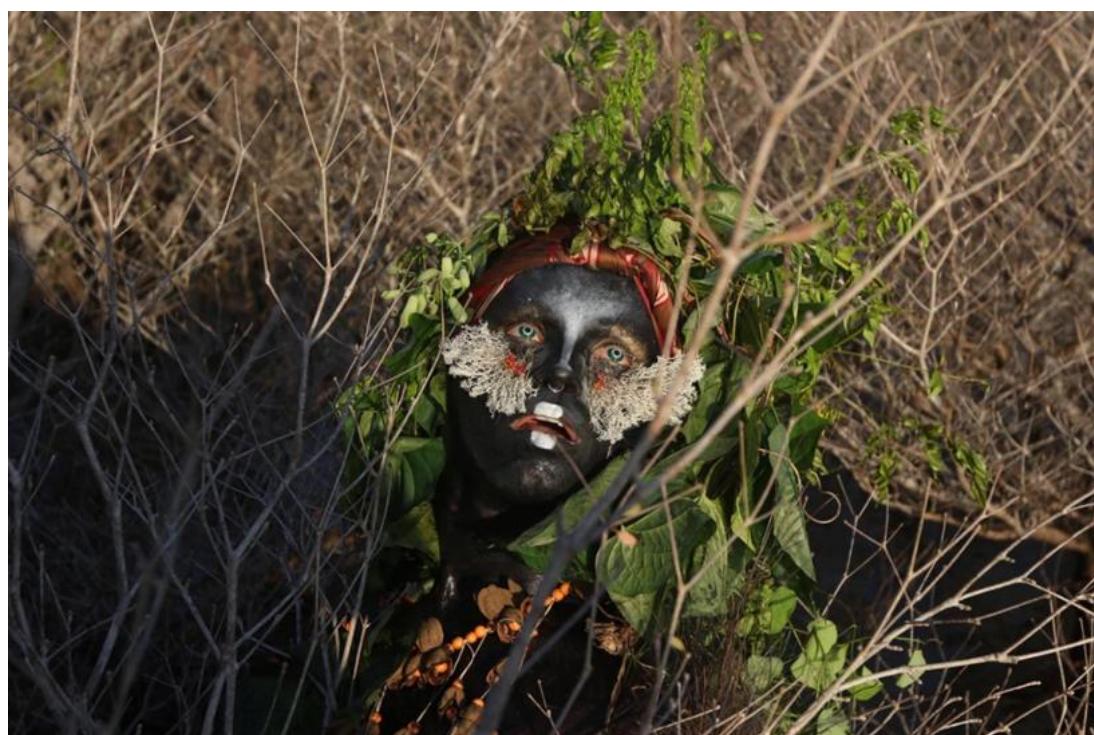
Jéssica Luiza Pádua Cardoso

Figura 8 - Uýra Sodoma. Fotografia e edição: Lisa Hermes.



Fonte: <https://elastica.abril.com.br/especiais/uyra-sodoma-drag-amazonia-meio-ambiente/>

Figura 9 - Uýra Sodoma. Série Elementar: Rio Negro. Fotografia e edição: Ricardo Oliveira



Fonte:<https://elastica.abril.com.br/especiais/uyra-sodoma-drag-amazonia-meio-ambiente/>



É possível ver nas imagens acima como Uýra trabalha muito bem não só os elementos orgânicos que incorpora em sua *drag*, ou melhor, em sua transformação em um novo ser, como também o usa do cenário ao seu redor para compor sua personagem e criar uma narrativa visual, deixando clara a mensagem que quer transmitir com o seu trabalho.

Ao longo deste trecho, foi possível perceber a importância da utilização de referências visuais para a compreensão do *Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada*. Por meio da análise dos três artistas citados, pudemos compreender como suas obras e teorias influenciaram a produção artística e a concepção do fazer artístico, seja nas artes visuais, no teatro e na performance. Fica claro, portanto, que ao conhecer o trabalho desses artistas, os alunos criam uma ferramenta importante para a ampliação de seu repertório, além de construírem um pensamento crítico e criativo no âmbito da caracterização visual.

Transformando a pele em tela

Com as referências apresentadas, se dá o momento de ir para a experiência prática da atividade artística intitulada *Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada*, que acontece no final da disciplina Caracterização Cênica no Curso de Capacitação Profissional em Artes Cênicas na cidade de Contagem/MG, onde ministrei a disciplina de 2019 a 2023. A atividade tem como objetivo integrar a teoria à prática a fim de promover a aprendizagem dos alunos em um curso profissionalizante de teatro. A atividade foi desenvolvida com base em uma abordagem interdisciplinar que combinou teoria e prática da maquiagem e caracterização cênica com a interpretação teatral.

A primeira etapa da atividade é a discussão teórica de imagens fotográficas que podem ser lidas como *Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada*. Os artistas que utilizei nessa etapa são diversos, mas em especial devo citar aqueles referenciados no trecho anterior, pois fornecem as contribuições fundamentais para a construção do arcabouço teórico dessa pesquisa e também para sua aplicação prática. Além disso, as reflexões e análises críticas propostas em debates em aulas sobre as imagens permitem aos alunos uma ampliação do olhar; através da análise das imagens e das referências visuais, eles se tornam capazes de perceber como a composição, as cores, as texturas e a luz são utilizadas para criar uma



narrativa visual coesa. As referências visuais permitem a ampliação do repertório, bem como a identificação de diferentes estilos possíveis de serem aplicados dentro da atividade.

Após essa fase de análise e discussão, a segunda etapa é explicar aos alunos no que consiste a atividade que irão realizar, qual seja: cada aluno deve construir uma personagem e suas caracterizações apropriando-se dos conhecimentos corporais, de interpretação teatral, e principalmente os conhecimentos desenvolvidos na disciplina de Caracterização Cênica e transpor essa imagem da personagem criada (a cena com: maquiagem, figurino e cenografia) para uma fotografia (*Fotografia encenada/Teatro Bidimensional*). Para tanto, deixo claro que o cenário, a luz, o figurino e a maquiagem para a realização do registro fotográfico são extremamente importantes para a teatralização da personagem, de modo a abrir as potencialidades às múltiplas leituras do resultado final de cada aluno, pois esse é um trabalho individual. Ou seja, o trabalho final da disciplina consiste na criação de um *corpo-imagem-persona* que será fotografado em seu ambiente correspondente, com “*a luz certa, o espaço, a cenografia, a maquiagem, o figurino associado ao poder de representação e de interpretação do ator*” (LIMA; LIMA, 2012, p. 05). Com isso nossa aposta é que o produto, o resultado fotográfico final faça jus ao nome da atividade (*Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada*), afinal é onde se verá o personagem vivo, pulsante, com as texturas, cores e formatos, um *tableau vivant* fotografado de cada personagem criado pelos alunos.

Uma vez que os alunos já sabem qual é o resultado final, eu explico para eles o passo a passo e também como deve ser feita a entrega da atividade. E para estimular a criação e guiá-los no desenvolvimento criei três etapas que são orientadoras para se começar a pensar a personagem. A primeira delas é a escolha de um quadro (pintura ou desenho) de inspiração. A função dessa arte visual é fornecer um ponto de partida para o processo criativo, inspirando a criação e ajudando a desenvolver a estética e a atmosfera da produção. Ao escolherem um quadro os alunos têm acesso a diferentes informações que podem ajudá-los em seu processo criativo, pois, analisando o quadro escolhido, é possível ter informações valiosas para o ponto de partida da criação, tais como a época, o lugar e a cultura em que foi determinada obra foi produzida. Essas informações podem ser utilizadas para contextualizar a produção, definindo a ambientação e o universo da personagem. Por meio da observação das cores, texturas e formas presentes na pintura, é possível ainda desenvolver uma estética visual para a produção, o que



ajuda na criação de uma atmosfera que reflete as características retratadas no quadro. E, indo mais fundo, o quadro pode trazer características físicas e psicológicas, aprofundando a compreensão da personagem a ser criada e tornando-a mais complexa e interessante. A observação das expressões faciais, dos gestos e das posturas presentes no quadro pode ajudar na hora da fotografia, na hora de escolher a expressão e postura a ser tomada no momento do registro criativo final, contribuindo para a construção de uma narrativa teatral e visual mais envolvente e emocionante.

A segunda etapa de orientação é o preenchimento de uma Ficha de Personagem. A ficha é composta por diferentes itens que servem como orientação para a criação e execução do trabalho final. É também uma maneira de desenvolver com mais profundidade a personagem. Essa ficha de personagem é uma ferramenta importante para ajudar os atores a compreender melhor suas personagens e a executar a atividade com mais autenticidade. É imperioso que os alunos preencham a ficha de forma completa e detalhada. Ela inclui informações sobre as características visuais, a caracterização, a maquiagem, o figurino e os objetos pessoais do personagem, bem como suas características psicológicas, motivações, medos, virtudes, defeitos e história de vida. Com a ficha em mãos, os alunos estarão melhor preparados para dar vida aos personagens e criar uma narrativa visual que seja emocionante e memorável para a atividade.

Segue abaixo o modelo da Ficha de Personagens que venho utilizando com os alunos:

Figura 10 - Ficha de Personagem

FICHA DE PERSONAGEM

CARACTERIZAÇÃO CÊNICA II - CCP CONTAGEM/MG
PROFESSORA JÉSSICA LUIZA CARDOSO

Nome do Personagem:	Ator:	Quadro inspiração:
Vício:		
Virtude:		
Defeito:		
Grilhão (objeto a que é apegado):		
Peculiaridade:		
Temperamento:		
Posição Social:		
Idade (ou aparenta ter):		
Período Histórico:		



Cores principais:
Maquiagem **:
Adereços**:
Figurino**:
Objetos Cênicos**:
História e personalidade da personagem:

** (colocar se há modificações de uma cena para outra)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O intuito dessa ficha é fazer com que os alunos sejam capazes de pensar e criar diferentes aspectos da personagem e, ao preenchê-la com informações detalhadas sobre sua caracterização, serão também capazes de entender como a caracterização pode influenciar na atuação e no desenvolvimento da personagem. Isso permite que os alunos façam escolhas mais conscientes em relação à sua caracterização, explorando sua criatividade e fazendo uma concepção única.

Com o quadro escolhido e a Ficha de Personagem preenchida, temos a terceira e última etapa de criação pré-execução do Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada: a criação do *face chart*. O *face chart* é, em síntese, o desenho da maquiagem, ou seja, o desenhar a maquiagem em um papel (com tinta, ou lápis de cor, ou produtos de maquiagem, entre outros) antes de efetivamente fazer a maquiagem na pele. É o criar o design e decidir os detalhes da maquiagem. Esse passo é muito importante para visualizarmos se o que está se planejando vai realmente fazer sentido quando feito, quando pronto. Ao terem uma visualização clara do que se espera em relação à maquiagem, os alunos estarão mais seguros em relação à execução da atividade, o que pode resultar em uma maquiagem mais precisa e adequada à concepção do personagem. Segue abaixo uma sequência de criação de um *face chart*:



TEATRO BIDIMENSIONAL/FOTOGRAFIA ENCENADA: uma teoria visual
para uma prática
teatral

Jéssica Luiza Pádua Cardoso

Figura 11 - Exemplo de Face Chart em branco



Fonte: <https://www.thefacechart.com/wp-content/uploads/2016/02/fc02.jpg>

Figura 12 - Exemplo de Face Chart em processo



Fonte: <https://www.thefacechart.com/wp-content/uploads/2016/02/fc13.jpg>



Figura 13 - Exemplo de face chart pronto



Fonte: <https://www.thefacechart.com/wp-content/uploads/2016/02/fc05.jpg>

Em nossas aulas eu lhes passo as bases de rostos que podem ser impressos para fazer o *face chart*, e também os ensino a fazer o *face chart* do próprio rosto, usando uma foto como base, e assim eles têm maior autonomia na criação, pois conseguem já no desenho trabalhar as próprias medidas do rosto, e não um rosto padrão genérico.

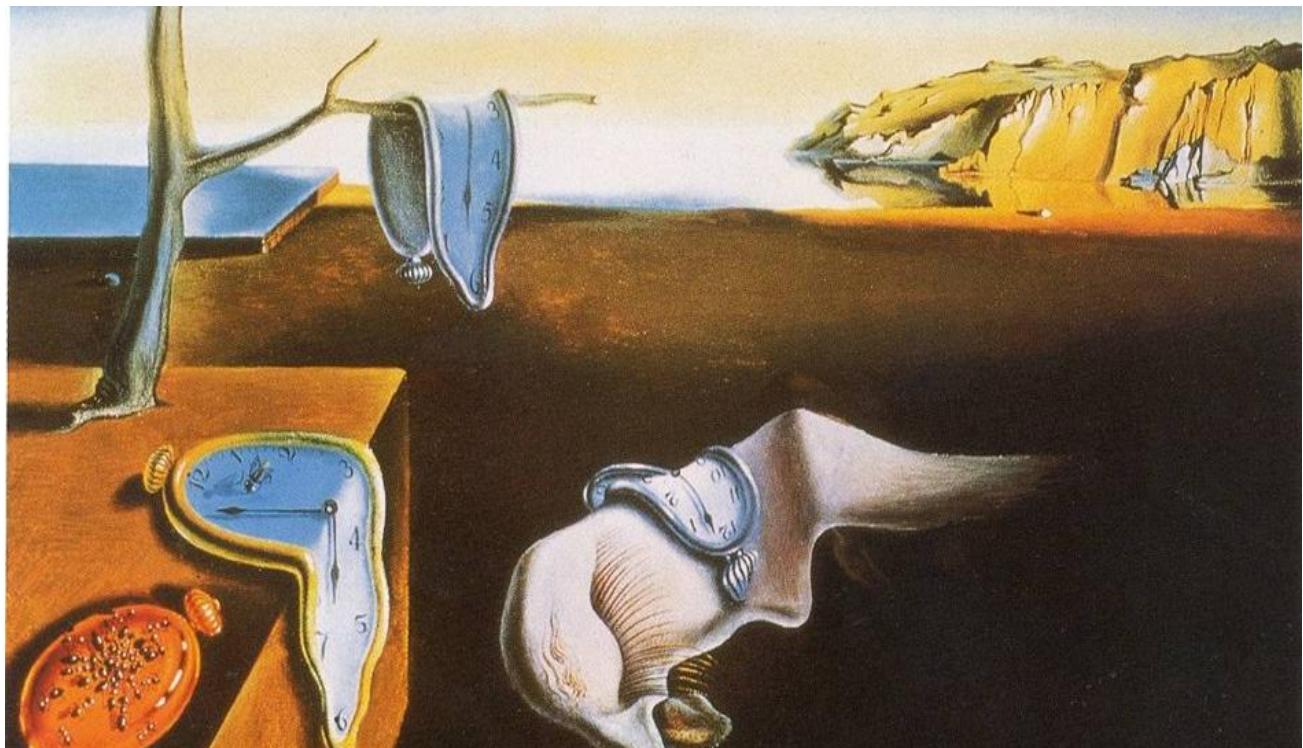
Por fim, com todos os itens anteriores feitos, eles estão prontos para colocar a mão na massa, ou melhor, na maquiagem, no figurino, nos adereços, a fim de dar vida às suas personagens e criar cada um seu *Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada*.

Agora, compartilho aqui algumas experiências reais dos trabalhos finais em Caracterização Cênica de um aluno e uma aluna de diferentes turmas do CCP Artes Cênicas Contagem, as quais ilustram bem a aplicação de conceitos e teorias discutidos ao longo desta pesquisa.



O primeiro trabalho que compartilho é o do Amaury, que fez parte da Turma 2, do CCP Artes Cênicas. Ele cursou a disciplina de Caracterização Cênica no ano de 2020. Na primeira etapa do processo – a escolha de um quadro (pintura ou desenho) de inspiração – Amaury escolheu "A persistência da Memória" (1931), de Salvador Dalí. O quadro do famoso pintor surrealista é conhecido por sua composição intrigante e elementos visuais icônicos (relógios moles, paisagem desolada, insetos, figuras indistintas, entre outros) que desafiam a percepção e exploram os conceitos de tempo, memória e subconsciente, como podemos ver abaixo:

Figura 14 - Quadro "A Persistência da Memória" de Salvador Dalí.



Fonte: Google Imagens.

A partir do quadro, e de suas impressões, o aluno começou a criar o personagem com o auxílio da Ficha de Personagem, a qual vimos na segunda etapa. A ficha foi preenchida da seguinte maneira:



Figura 15 - Ficha de Personagem preenchida pelo aluno Amaury para o seu trabalho final em Caracterização Cênica. 2020

Nome do Personagem: João Passatempo	Autor: Amaury	Quadro inspiração: A Persistência da Memória
--	------------------	---

Vício:	Ocupar-se
Virtude:	Dedicado
Defeito:	Resmungão
Grilhão (objeto a que é apegado):	Relógio
Peculiaridade:	Angustiado
Temperamento:	Passivo
Posição Social:	Qualquer
Idade (ou aparenta ter):	30 anos
Período Histórico:	Contemporâneo

Cores principais (na maquiagem): Cinza
Adereços: Relógios
Figurino: Roupa cinza. Blusa social e calça jeans
Objetos Cênicos: Relógios, copo, café, prato, garfo e faca
História / Antecedentes / Futuro: Ele é um qualquer, é alguém, ele é nós. Ele pertence ao passado, ao hoje e, infelizmente, ao futuro.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Na Ficha de Personagem feita por Amaury é possível notar que ele interpreta o quadro subjetivamente e o transporta para o mundo contemporâneo, fazendo uma crítica ao mesmo. Ele cria um personagem chamado João Passatempo, o qual tem um temperamento angustiado e é viciado em estar ocupado. Ele escolhe a cor cinza como principal ao seu trabalho, pois ela remete a uma neutralidade emocional, transmitindo uma falta de emoção ou uma sensação de distanciamento. Além disso, o cinza pode sugerir monotonia, tédio e também a sensação de



'não lugar', por se tratar de uma cor que está entre o branco e o preto.

Como objetos de cena, o aluno escolheu os relógios, os quais Dalí usa em seu quadro para mostrar o tempo. Mas além dos relógios, o aluno faz uso também de outros objetos como o café, o copo, o garfo e a faca, que são objetos que remetem à alimentação, e que juntos ao relógio podem dar a sensação de vontade de comer/consumir o tempo, pois o personagem é dedicado e viciado em estar ocupado.

Por fim, Amaury nos conta a história de seu personagem como um aviso, uma profecia sobre um ser que foi, é e será, e que pode ser um qualquer, como qualquer um de nós. Trata-se de uma escolha ousada e muito interessante para a descrição do seu personagem. Já na terceira etapa, Amaury cria seu *face chart*, o desenho da maquiagem que irá apresentar e que será a demonstração visual do rosto desse personagem, como se vê abaixo:

Figura 16 - Face Chart criado pelo aluno Amaury para sua atividade final em Caracterização Cênica. 2020



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora



Em seu *face chart*, o aluno escolhe a figura da caveira para representar seu personagem João Passatempo. A caveira pode ser interpretada como um lembrete da finitude e fragilidade da existência humana, destacando a inevitabilidade da morte e a importância de aproveitar o tempo que temos. Acredito que essa simbologia é muito interessante ligada ao personagem criado pelo aluno, pois ele é viciado em estar ocupado e não aproveita o tempo que tem com lazer, portanto a caveira simboliza esse estado da morte que já a ronda. Segue abaixo o trabalho final do aluno Amaury, a sua Fotografia Encenada/Teatro Bidimensional que, por todo esse processo de criação, deu vida a uma personagem inédita.

Figura 17 - Teatro Bidimensional / Fotografia Encenada feito pelo aluno Amaury para a sua atividade final em Caracterização Cênica. 2020.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora



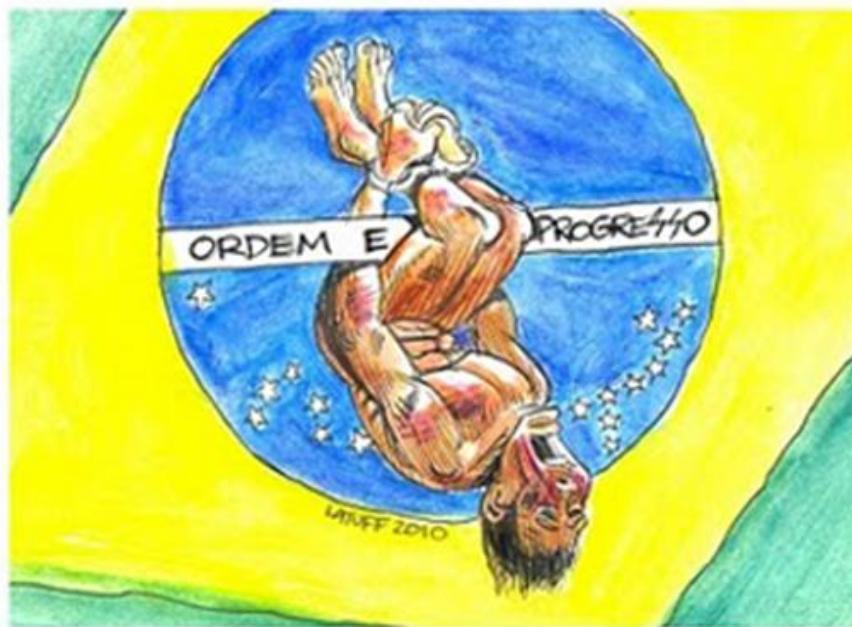
A fotografia apresentada pelo aluno corresponde ao seu processo de criação. É possível ver no trabalho o reflexo de suas escolhas na ficha de personagens, os aspectos psicológicos e físicos da personagem sendo mostrados nas suas escolhas visuais. A cor cinza preenche toda a fotografia, estando presente em no rosto do ator/aluno, no cenário como fundo da parede e no tecido no qual está sentado em cima, além de em suas roupas e objetos. Ao utilizar uma camisa social, o personagem nos traz um aspecto de executivo, um homem de negócios, remetendo aos trabalhadores de grandes empresas corporativas que tem o código de vestimenta formal.

Outro ponto importante é a escolha da pose ao ser fotografado. Ao utilizar a câmera fotográfica em posição *plongée* – que é quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo – Amaury nos coloca em um local de superioridade em relação ao personagem. E este mesmo personagem nos estende a mão, talvez em busca de ajuda, ou para mostrar que está em um lugar fundo, preso junto aos seus inúmeros relógios e cafés servidos em um prato com talheres. Será que João Passatempo nos convida para devorar o tempo com ele, participando da sua necessidade de se sentir ocupado? Ou João Passatempo nos pede ajuda para sair desse local onde se colocou, preso em suas demandas e sua vida cinza?

O segundo trabalho que compartilho aqui é o da aluna Fabianne, que fez parte da Turma 3, do CCP Artes Cênicas. A aluna cursou a disciplina de Caracterização Cênica no ano de 2020. Na primeira etapa do processo – na escolha de um quadro (pintura ou desenho) de inspiração – a aluna escolheu o desenho “Ditabrand”, do chargista e ativista político brasileiro Carlos Latuff. Na imagem vemos um homem nu, preso às palavras da bandeira nacional – “ordem e progresso” – como se estivesse preso ao método de tortura popularmente conhecido como “pau de arara”, destinado a causar fortes dores nas articulações e músculos. A imagem é uma crítica ao período da ditadura militar no Brasil, que foi um governo violento e antidemocrático imposto pelo golpe de Estado de 1964, dando origem a um regime de restrição de direitos fundamentais e de repressão violenta e sistemática à dissidência política, aos movimentos sociais e aos diversos segmentos da sociedade civil.



Figura 18 - Ditabranda, desenho de Carlos Latuff.



Fonte: https://fazendomedia.org/wp-content/uploads/latuff_bandeira.jpg

A partir dessa imagem e de suas impressões a aluna, na segunda etapa da atividade, preencheu a Ficha de Personagem, como mostra a imagem abaixo:

Figura 19 - Ficha de Personagem preenchida pela aluna Fabianne para o seu trabalho final em Caracterização Cênica. 2020.

FICHA DE PERSONAGEM

CARACTERIZAÇÃO CÊNICA II - CCP CONTAGEM/MG

PROFESSORA JÉSSICA LUIZA CARDOSO

Nome do Personagem: Patrícia Galvão	Atriz: Fabi Elyse	Quadro inspiração: Ditabranda
Vício:	Não tem	
Virtude:	Lealdade e coragem	
Defeito:	Gula	
Grilhão (objeto a que é apegado):	Caderno de anotação	
Peculiaridade:	Sabe código morse e é poliglota	
Temperamento:	Moderado	
Posição Social:	Classe média baixa	
Idade (ou aparenta ter):	27 anos	
Período Histórico:	Ditadura no Brasil	



Cores principais (na maquiagem): Marrom, roxo, vermelho e bege
Adereços: Mordaça, e cordas nos pulsos
Figurino: Retalhos de tnt preto
Objetos Cênicos: Cordas verde amarelas
História / Antecedentes / Futuro: Militante na luta contra a ditadura nos meios de comunicação entre jornais e rádio. É pega atravessando informações por código morse que contribuíram para a queda da ditadura, mas antes da queda é pega. Patrícia foi torturada e levada a frente de um amigo que ficou de levar a informação que ela estava com eles. Foi a última vez que foi vista. Foi presa sob a alegação de traição à pátria. Mas para seu amigo Carlos foi dito que o motivo era que ela sabia demais.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Na Ficha de Personagem feita por Fabianne, é possível notar que por escolher um desenho que se refere à ditadura militar no Brasil, ela já situa esse tempo histórico para a personagem dela. Ela opta que sua personagem seja uma militante, que foi presa e torturada pela ditadura. Seus objetos cênicos, como a corda verde e amarela, fazem referência ao desenho por terem as cores da bandeira nacional. E pela escolha dos objetos cênicos vemos que a aluna pretende colocar em sua atividade final uma cena que sinaliza a tortura feita pelos militares na ditadura, pois os adereços são a mordaça, a corda e os retalhos de tecido tnt preto. Isso fica ainda mais evidente quando lemos a história que ela criou para sua personagem.

Já na terceira etapa, Fabianne cria seu *face chart*, o desenho da maquiagem que irá apresentar e que será a demonstração visual do rosto dessa personagem:



Figura 20 - *Face chart* criado pela aluna Fabianne para sua atividade final em Caracterização Cênica. 2020



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Em seu *face chart*, a aluna escolhe técnicas de maquiagem de efeitos especiais, como cicatrizes, hematomas, cortes e escoriações. Ao planejar sua maquiagem com esses efeitos, ela consegue produzir a imagem da militante que foi presa e torturada pela ditadura militar. Por fim, segue abaixo o trabalho final da aluna Fabianne, a sua Fotografia Encenada/Teatro Bidimensional, resultado de todo o processo de criação que deu vida a uma personagem inédita:



Figura 21 - Teatro Bidimensional / Fotografia Encenada feito pela aluna Fabianne para a sua atividade final em Caracterização Cênica. 2020.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Pode-se ver na atividade final de Fabianne o reflexo de seu estudo de personagem, juntando seus aspectos físicos e psicológicos, além da escolha do momento histórico escolhido para representar em sua Fotografia Encenada. Temos na imagem uma mulher presa e amarrada, que sofreu de violência física, com as mãos sujas de sangue e a expressão desesperada que nos parece pedir ajuda ou misericórdia. A escolha da pose ao ser fotografada é tal qual a do aluno apresentado anteriormente; a câmera fotográfica utilizada em posição *plongée* coloca o público/espectador da foto em um local de superioridade ao visualizar o sofrimento e o pedido de socorro da personagem, como se fôssemos nós aqueles que poderiam salvar sua vida ou não.



Entre as escolhas estéticas, podemos ver que o objeto que amarra a personagem é um tecido verde e amarelo, que remete às cores da bandeira do desenho original. É como se o que amarra a personagem fosse a própria bandeira brasileira. Em seu rosto vemos a aplicação da maquiagem de hematomas, cortes e sangue. A maquiagem tem o tom sutil, o que se deve ao fato de a aluna ser iniciante no campo da maquiagem, e, mesmo que a execução não seja perfeita, é possível ver que a ideia conseguiu ser expressada. E isso, combinado com o sangue nas mãos, também com os pontos de tinta vermelha no fundo da cena – que podem ser lidos como sangue – dá o impacto visual da caracterização criada pela aluna.

Por meio da análise da Atividade Final de cada um dos alunos apresentados, pude observar que a culminância do projeto proposto (Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada) com as atividades que acontecem durante a disciplina de Caracterização Cênica, estimulou a criatividade e a ação dos alunos, que desenvolveram habilidades visuais e as colocaram em prática. Foi em função dessa metodologia que os alunos se apropriaram dos conhecimentos adquiridos a respeito das visualidades em cena e, em especial, dos elementos da maquiagem, e os traduziram em Fotografia Encenada, criando assim uma imagem-texto tanto na condição de atores quanto na de caracterizadores. Tudo isso contribuiu para melhor compreensão da conexão e relação da caracterização com a criação das personagens.

Isso posto, vale dizer que neste trabalho os alunos não apresentam apenas a realização de uma maquiagem cênica, mas sim a caracterização cênica completa, que se relaciona com outras áreas do teatro como iluminação, cenário e figurino – além de terem que relacionar todos esses itens visuais com a representação e a interpretação do aluno/ator. Assim, o resultado final da atividade, a fotografia, passa a ser o *tableau vivant*, o espetáculo vivo, com suas texturas, cores e formas dando vida à realidade contida na imagem que está sendo vista pelo espectador.

Considerações finais.

Como professora em um curso de teatro, em especial de Caracterização, acredito que devo buscar por uma metodologia segundo a qual os alunos possam experienciar a criação e a recriação. Os alunos/atores, assim, serão capazes de colocar seu ‘eu’, sua individualidade na



Jéssica Luiza Pádua Cardoso

atividade, expondo o que lhe é sensível. “*O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar realidades da vida.*” (OSTROWER, 2014, p. 24).

Ao experimentar o seu potencial criador, dando vida a algo novo, se percebendo como ator-criador, potencializando sua visão artística e revelando seus gostos e suas essências, o aluno ao final da atividade Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada é capaz de ampliar seus conhecimentos, o que implica dizer que esta metodologia é uma ponte para que ele seja capaz de explorar suas potencialidades.

A atividade busca que os alunos tenham a oportunidade de consolidar seu aprendizado, levando em consideração quem ele é, seu contexto, sua estética. Além disso, quando todos já tiverem com sua atividade pronta e enviada, temos o momento de debate das imagens criadas, o que possibilita que um aluno interaja com a criação do outro, expandindo sua visão de mundo e possibilidades de compreensão de diferentes estéticas. Ao entrar em contato com o outro, com o processo de criação, com o resultado final do outro os alunos/atores se tornam capazes de conhecer novas visões sobre um mesmo trabalho, com potencialidades distintas que foram exploradas.

É nesse contexto que a atividade *Teatro Bidimensional/Fotografia Encenada* se torna uma importante ferramenta e metodologia na formação do ator e atriz. É compreendendo a caracterização cênica e seus potenciais no processo de criação e interpretação de uma personagem que o futuro ator/atriz se sentirá preparado para enfrentar os desafios que virão após a formação no curso de capacitação, e com isso terão autonomia para se expressar criativamente.

Referências

BARTHOLOMEU, C. Cindy Sherman - retardo infinito. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 52-61, 2009.

HERMOSO, Sofia. Uýra Sodoma: uma revolta organizada. Elástica, 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/uyra-sodoma-drag-amazonia-meio-ambiente>. Acesso em: 18/06/2023.



LIMA, M. dos S.; LIMA, J. S. de. Teatro Bidimensional: outras possibilidades no ensino e aprendizado em maquiagem, figurino e cenografia. In: CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito, 22., 2012, São Paulo: **Anais...** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, ANO. Disponível em: <<http://faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/121.pdf>>, acesso em 28/11/14.

MAGALHÃES, M. Caracterização teatral: uma arte a ser desvendada. In: FLORENTINO, A.; TELLES, N. Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU, 2009. pp.: 209-220. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29513/4/CartografiasEnsinoTeatro%20%281%29.pdf>, acesso em: 27/06/2022.

MOURA, L.R.G. Os elementos visuais do espetáculo no processo criativo do ator. 2019, 184f. Tese (Doutorado em Artes da Cena) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/LOMC-BDRMHA>>, acesso em: 26/03/2023

NETO, D. C.; AUDI R. Imaginai! O teatro de Gabriel Villela. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2014.
PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RAMOS, A.V. O design de aparência de atores e a comunicação em cena. 2008, 187 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/5133>>, acesso: 24/10/22.

SHERMAN, C. MoMA - Modern Art Museum Manhattan, 2023. Disponível em: <https://www.moma.org/artists/5392>. Acesso em: 25/04/2023.

VIANA, F.; MUNIZ, R.; PEREIRA, D.R. As delicadas tramas de Gabriel villela. São Paulo. 2011. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002212014.pdf>. Acesso em 11/05/2023.

Recebido em: 15/05/2025
Aprovado em: 20/12/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC
Centro de Artes, Design e Moda – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br